



Site do autor: livrosqueardem.com

Não me perguntem, leitor, em que dia da semana sucedeu esta história. A memória humana é um armário desarrumado: guarda com exatidão o nome do primeiro amor e esquece o próprio aniversário. Direi apenas que foi numa tarde quente de Maputo, dessas em que o sol parece ter assinado um contrato de exclusividade com a cidade.

O Mercado Janete fervilhava.

Havia peixe, havia tomate, havia vozes, havia buzinas e havia aquela filosofia popular que se vende sem licença municipal, de banca em banca, entre uma manga madura e um saco de cebolas.

Foi precisamente ali, na esplanada da Boa Malta, que encontrei o Diabo.

Não se assustem.

O Diabo, nos tempos modernos, já não usa cauda nem tridente. Aprendeu marketing. Apresentava-se com um fato de linho claro, sapatos italianos, relógio suíço e uma elegância que faria corar alguns ministros e muitos pastores.

Estava sentado à mesa do canto.

Tomava uma água tônica.

Consultava um caderno.

Parecia um auditor.

E talvez fosse.

— Muito trabalho? — perguntei-lhe.

— Mais do que imaginas — respondeu. — Os humanos tornaram-se extraordinariamente produtivos no pecado.

Fez sinal para que eu me sentasse.

Aceitei.

Afinal, recusamos convites de vendedores de seguros, de candidatos eleitorais e de parentes distantes. Mas um convite do Diabo possui certa originalidade.

— Hoje é reunião do conselho — explicou.

— Que conselho?

— O Conselho dos Sete.

Olhei em redor.

Não vi ninguém.

O Diabo sorriu.

— Estão todos aqui.

A Gula e a Preguiça

Apontou discretamente para uma mesa próxima.

Lá estava o doutor Augusto.

Homem respeitável.

Advogado.

Consultor.

Especialista.

Em quê?

Ninguém sabia ao certo.

Em Maputo, como em toda parte, há indivíduos cuja profissão principal consiste em serem importantes.

Diante dele erguia-se uma montanha de camarões.

Não uma refeição.

Uma campanha militar.

O doutor avançava sobre os crustáceos com o entusiasmo de um conquistador europeu chegando à África no século XIX.

Comia.

Bebia.

Limpava o suor.

Recomeçava.

Parecia empenhado em extinguir a espécie.

Quando terminou, pediu outra cerveja.

Depois mais uma.

Depois outra.

O telefone tocou.

Ignorou.

Tornou a tocar.

Ignorou.

A terceira chamada mereceu apenas um olhar melancólico.

— É o Ministério — comentou alguém.

— Que espere.

— É urgente.

— Tudo é urgente até deixar de ser.

O Diabo fez uma anotação.

— Gula e Preguiça — explicou-me. — Um pacote promocional.

A Inveja

Pouco depois apareceram duas senhoras, D. Clara e sua inseparável amiga.

As senhoras, leitor, possuem uma capacidade admirável para observar o mundo sem parecer que o observam.

Os homens viram a cabeça.

Elas movem apenas os olhos.

É uma técnica refinada pela evolução.

As duas caminhavam lentamente entre as bancas.

De repente surgiu uma terceira.

Vestido impecável.

Óculos escuros.

Mala elegante.

Passos calculados.

Imediatamente as outras duas ficaram silenciosas.

Esse silêncio durou três segundos.

Nenhuma amizade humana resiste mais do que isso diante de uma mala cara.

— É original? — perguntou uma.

— Deve ser falsa.

— Talvez.

— Espero que seja.

Era inveja da mais pura qualidade.

Não desejavam possuir a mala.

Desejavam que a outra deixasse de possuí-la.

O Diabo sorriu satisfeito.

— A inveja é um milagre da engenharia moral — explicou. — Sofre-se gratuitamente pela felicidade alheia.

A Vaidade

A proprietária da mala continuava seu desfile.

Subiu os degraus da Boa Malta.

Cumprimentou apenas quem julgava importante.

Ignorou os restantes.

Posou para fotografias que ninguém pedira.

Sentou-se de perfil para que todos a vissem.

Passou dez minutos ajustando o cabelo.

Cinco minutos ajustando os óculos.

Vinte minutos ajustando a própria importância.

— Essa é cliente antiga — comentou o Diabo.

— Vaidade?

— Categoria premium.

A Ira

Foi então que surgiu um acontecimento notável.

Uma vaga de estacionamento.

Uma única vaga.

Dois carros.

Dois candidatos.

Nenhuma inteligência.

O primeiro acelerou.

O segundo acelerou mais.

Os dois travaram ao mesmo tempo.

Seguiu-se uma discussão.

Não uma discussão comum.

Uma dessas discussões nacionais em que se debate a genealogia completa dos participantes.

Em poucos minutos, cada um sabia quem era o pai do outro, a mãe do outro, os tios do outro e provavelmente alguns antepassados ainda não nascidos.

— Sabes com quem estás a falar?

— Sabes quem sou eu?

— Tenho contactos!

— Tenho mais!

O curioso é que a vaga cabia para ambos.

Bastava estacionarem corretamente.

Mas isso exigiria humildade.

E a humildade raramente frequenta parques de estacionamento.

A Avareza

O Diabo pediu outra água tônica.

O empregado trouxe a conta.

Observei o valor.

Era suficientemente elevado para financiar uma pequena revolução.

— Não é caro? — perguntei.

— Claro que é — respondeu o Diabo.

— E o dono sabe disso?

— Foi ele quem inventou.

O proprietário da esplanada observava cada garrafa sair do frigorífico com a ternura de um banqueiro olhando para juros compostos.

Se um mosquito bebesse meia gota de cerveja, provavelmente receberia uma fatura.

— Avareza — disse o Diabo. — Discreta, elegante e altamente lucrativa.

A Luxúria

A tarde avançava.

Passavam jovens estudantes.

Funcionárias de escritório.

Turistas.

Vendedoras.

Sonhos ambulantes.

Na esplanada, os olhares acompanhavam os movimentos com uma disciplina quase

militar.

Alguns homens já haviam perdido completamente o interesse pela conversa.

Observavam.

Suspiravam.

Observavam novamente.

Imaginavam futuros impossíveis.

Construíam romances inteiros entre um gole de cerveja e outro.

O Diabo fechou o caderno.

— Luxúria?

— Luxúria.

— Tão simples assim?

— Meu caro, metade da literatura universal nasceu daí.

O Encerramento da Sessão

O sol começava a cair sobre Maputo.

A cidade adquiria aquela cor dourada que faz até os buracos das estradas parecerem poéticos.

O Diabo levantou-se.

Chamou o empregado.

Pagou.

Deixou uma gorjeta generosa.

— És surpreendentemente generoso — observei.

— Naturalmente.

— Naturalmente?

— O Inferno depende de investimento contínuo.

Olhou para o mercado.

Olhou para as mesas.

Olhou para os carros.

Olhou para as pessoas.

Depois suspirou.

Um suspiro quase paternal.

— Tenho de admitir — disse ele. — Os maputenses trabalham muito por mim.

E desapareceu entre a multidão.

Eu fiquei.

A Boa Malta continuou cheia.

As cervejas continuaram a circular.

As conversas continuaram a crescer.

Os pecados continuaram a passear entre as mesas.

E confesso, leitor, que ao regressar para casa comecei a desconfiar de uma coisa terrível: talvez o Diabo não tivesse ido embora.

Talvez apenas tivesse mudado de cadeira.

Epílogo — A Última Mesa

Há quem suponha, leitor, que as histórias terminam quando o sol se põe. É um erro poético e administrativo. O sol põe-se todos os dias e a humanidade insiste em continuar os seus negócios, os seus amores e as suas pequenas misérias.

Naquela noite, o Mercado Janete foi esvaziando-se lentamente.

As bancas fecharam.

Os últimos camarões desapareceram dos pratos.

As cervejas foram contadas.

As gargalhadas transformaram-se em bocejos.

Maputo vestiu a sua roupa noturna, essa mistura de luzes amarelas, música distante e promessas que raramente sobrevivem ao amanhecer.

A Boa Malta permanecia aberta.

Como certas igrejas.

Ou certos pecados.

O empregado começou a recolher as cadeiras quando reparou numa coisa curiosa.

A mesa do canto continuava ocupada.

Não havia ninguém sentado.

Mas a cadeira permanecia puxada para trás.

Como se alguém tivesse acabado de se levantar.

Sobre a mesa repousava o pequeno caderno de capa escura.

O empregado aproximou-se.

Olhou para um lado.

Olhou para o outro.

Pegou no caderno.

Abriu-o.

Esperava encontrar contas, telefones ou anotações de negócios.

Encontrou apenas nomes.

Centenas deles.

Nomes de homens.

Nomes de mulheres.

Nomes de jovens.

Nomes de velhos.

Nomes de ricos.

Nomes de pobres.

Nomes de pessoas que passavam diariamente pelo Janete.

Ao lado de cada nome havia pequenas marcas.

Algumas diziam “G”.

Outras “I”.

Outras “V”.

Outras “P”.

Outras “A”.

Outras “L”.

Outras “R”.

O rapaz não compreendeu.

Mas sentiu um arrepio.

Virou a última página.

E encontrou uma frase escrita numa caligrafia elegante:

“A reunião foi excelente. Todos compareceram.”

O empregado fechou imediatamente o caderno.

Não por medo.

Por prudência.

Mas devo confessar uma circunstância que omiti até aqui.

Não por má-fé.

Por covardia.

São parentes próximos.

Quando o empregado abriu a última página do caderno, depois daquela frase — “A reunião foi excelente. Todos compareceram.” — havia ainda uma folha dobrada.

Uma única folha.

Havia um último nome.

Escrito sozinho.

Separado dos restantes.

Como uma assinatura.

Como uma sentença.

Como um espelho.

Era o meu. Eduardo Janeiro.

Sim, leitor.

O meu.

Não o do empregado.

Não o do Diabo.

O meu.

Ao lado do meu nome não havia uma única inicial.

Havia todas.

G.

P.

I.

V.

A.

L.

R.

As sete.

O pacote completo.

Uma promoção infernal.

Apenas uma linha escrita sublinhada .

“O observador é sempre o último observado.”

Assinado:

O Presidente do Conselho.

Desde então nunca mais procurei o Diabo.

Nem precisei.

Toda vez que passo pela Boa Malta e vejo o meu reflexo numa montra, num vidro ou numa colher de sopa, encontro-o já ocupado.

Porque suspeito, leitor, que o grande triunfo do Diabo não consiste em convencer-nos de que ele existe.

Consiste em convencer-nos de que os pecados pertencem sempre aos outros.

Na manhã seguinte o empregado voltou para o trabalho.

O caderno desaparecera.

Ninguém o viu entrar.

Ninguém o viu sair.

Tal como certos contratos públicos.

Tal como certas promessas eleitorais.

Tal como certos maridos às sextas-feiras.

Os dias passaram.

As semanas passaram.

Os meses passaram.

O Mercado Janete continuou o mesmo.

Ou quase.

O Dr. Augusto continuou a almoçar como se estivesse a preparar-se para um cerco medieval.

D. Clara continuou a sofrer com a prosperidade das amigas.

A senhora da mala continuou a desfilar como uma rainha sem reino.

Os condutores continuaram a discutir por vagas que comportariam dois carros e meia bicicleta.

O dono da esplanada continuou a aumentar os preços com a delicadeza de um assaltante de luvas brancas.

E os olhares continuaram a perseguir a beleza que atravessava as ruas da cidade.

Tudo normal.

Tudo humano.

Tudo perfeitamente infernal.

Às vezes, quando a tarde cai sobre Maputo e a luz dourada cobre o Mercado Janete, alguns juram ver um homem de linho claro sentado à mesa do canto.

Outros dizem que é imaginação.

Outros culpam a cerveja.

Outros culpam a política.

Eu não discuto.

A idade ensinou-me que a verdade raramente vence uma boa história.

Mas confesso uma suspeita.

Talvez o Diabo nunca tenha precisado de conquistar o mundo.

Talvez tenha percebido, há muito tempo, que os homens fazem o trabalho gratuitamente.

Ele limita-se a observar.

Tomar notas.

E pedir mais uma água tônica.

Se passares um dia pela Boa Malta, leitor, e encontrares uma cadeira vazia junto à mesa do canto, não te sentes nela.

Ou senta-te.

Afinal, ninguém resiste para sempre à curiosidade.

Foi ela, aliás, que inaugurou toda esta confusão desde o princípio.

E, convenhamos, o Conselho dos Sete continua a reunir-se.

Pontualmente.

Todas as tardes.

No Mercado Janete.

FIM